

TRIBUNA Livre

22
FEVEREIRO
1964

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: António Narciso Gonçalves Macedo

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO, E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR-TELEF. 62113 - AMARES

Vitalidade Orgânica

Um concelho próspero tem de, como o corpo humano, ter todos os seus órgãos em perfeito funcionamento, tem de, como uma máquina, ser equilibrada e com as suas peças bem ajustadas.

A ciência ainda não descobriu e não descobrirá nunca, a forma de uma só peça se mover, produzir ou dar rendimento, individualmente. Pelo contrário, quantas mais peças e mais órgãos tiver, mais delicada, e importante é a máquina e melhor pode produzir.

Como um concelho, se um dos seus órgãos fraquejar, se não der o rendimento desejado, se não acompanhar o rendimento das restantes, estará comprometido todo o sistema, com a agravante, não só dos prejuízos causados, como também do atraso e morosidade que sempre se verificam na substituição de peças, principalmente quando agarradas pela ferrugem, carcomidas

pelo desgaste (político) teimam em não sair.

É nesta substituição de peças, no revigoramento dos órgãos e na valorização dos organismos, que está a defesa dum todo.

Grande responsabilidade é, na verdade, mas imperativo do dever que, doa a quem doer, a substituição das peças e dos órgãos se processe de acordo com o seu grau de eficiência, de produção e de capacidade.

Uma peça nova pode ter de ser substituída após pequeno uso, se não satisfizer aquelas exigências.

Não o fazer a tempo é erro tremendo que, muitas vezes, por obcecção do mandado ou conveniências estranhas, se pratica, mas sempre e indubitavelmente com inerentes prejuízos, e algumas vezes com danos irreparáveis.

Por outro lado substituir peças em pleno estado de funcionamento e com rendimento capaz é erro duplo.

Num concelho como o nosso, em que todos esses organismos não são demais para recuperar o atraso de tantos anos, todas as peças da engrenagem, carcomidas, enferrujadas e já sem qualquer proveito, e que estão a tirar o rendimento ao conjunto, devem ser substituídas.

Embora o engenho já tenha ido algumas vezes à mão dos mecânicos estes ainda entendem ser económico mantê-las em uso com o receio de que novas peças

(Continua na 3.ª página)

NOVO DELEGADO

Na semana corrente assumiu as funções de Procurador da República na comarca de Amares o Sr. dr. José Cardoso Braga.

Ao novo Magistrado apresentamos as nossas saudações e a oferta dos nossos modestos serviços.

Vão Morrer os DRS.

Verdade que sim. Vão morrer, pelo menos em Portugal — que noutros países da Europa já há tempos lhes deu a moléstia — os drs. (escrevo drs. e não doutores, note-se bem). Não se trata, claro, de uma nova doença, susceptível de ser tratada com qualquer espécie de antibiótico, daquela série de «inas» que todos conhecem, ou que exija o estudo atento de sábios médicos. A moléstia é outra e tem até nome próprio. Nome com milénios de existência, mas de conteúdo sempre diferente: Progresso.

Se me não falha a memória, foi Norberto Lopes quem há tempos contou numa das suas «notas do dia», a história do contínuo de certa repartição que, depois de ter atendido rispidamente determinada pessoa, se mostrou extremamente confuso e repeso quando ouviu tratar por dr. quem tão mal recebera. E só pôde articular um «Mas porque não disse que era dr.?». A mim próprio me dizia alguém uma

vez — referindo-se a um excelente escritor português que conhecia — não lhe «dar jeito» dirigir-se-lhe sem o tratar por dr. «É um homem com tanta categoria. Até parecia mal...» — argumentava.

Mas de que deverá este quase supersticioso respeito

(Continua na 5.ª página)

Delegado do Procurador da República Cessante

Por ter sido nomeado para outra comarca deixou as funções de Delegado do Procurador da República na comarca de Amares o sr. dr. Gil Moreira dos Santos.

Magistrado íntegro e competente, tratando com fidelidade e lhanza, deixou em todos o conhecimento das suas altas qualidades.

Primeiro Magistrado do Ministério Público na novel comarca deixa as suas funções prestigiadas e a Justiça dignificada.

Colónia de Férias da F. N. A. T.

Indo ao encontro do desejo de tantos trabalhadores portugueses que gostam de passar o seu período de férias da Páscoa em ambiente repousante e de salutar convívio estarão abertas de 26 a 30 de Março, três Colónias de Férias da F. N. A. T.

Assim as Colónias de Férias «A. Correa D'Oliveira» em S. Pedro do Sul e «Marechal Carmona» na Foz do Arelho funcionarão extraordinariamente durante esse período de tempo.

Quanto à Colónia de Férias «Dr. Pedro Theotónio Pereira» em Albufeira, dado o belo clima que o Algarve desfruta, encontra-se aberta permanentemente.

Dá-se deste modo satisfação a grande número de pedidos por parte dos beneficiários desta Fundação Nacional.

As inscrições são feitas na Sede da F. N. A. T., Calçada de Santana, 180, a partir desta data e até 16 de Março próximo futuro.

Conferência pelo Ex.^{mo} Sr. dr. António Augusto Lopes,
Subordinada ao Tema;

«Reflexões sobre o Ensino de Matemática no Plano da Profilaxia Social»

No Liceu Normal de D. Manuel II realizou-se mais uma sessão cultural do ciclo em curso promovido pela Liga Portuguesa de Profilaxia Social.

Foi conferente o Ex.^{mo} Professor daquele Estabelecimento de Ensino, Sr. Dr. António Augusto Lopes, que dissertou sobre «Reflexões sobre o ensino da matemática no plano da profilaxia social».

Presidiu o Sr. Dr. António Américo Guerreiro, reitor do Liceu Normal de D. Manuel II, que apresentou o conferente, o qual iniciou, depois, a leitura do seu trabalho.

Procurando «matematizar a situação» em que se encontra perante a «assembleia» o professor Dr. António Augusto Lopes determina o plano das dificuldades do tema que se propõe tratar e, em termos de Álgebra dos conjuntos, tenta

levar as pessoas presentes, (subconjunto do conjunto a que chama sociedade constituída) à convicção de que a matemática pode fazer-se nascer de situações reais da vida corrente dos adultos, adolescentes ou simples crianças. O número e o espaço são seres matemáticos que podem ser constituídos a partir de outras noções primitivas — que as crianças dominam muito antes de compreenderem aqueles (número espaço). Tomando como ponto de partida que o matemático de hoje toma para universo das suas especulações um conjunto base e define relações entre os seus elementos, o conferente conclui que o carácter relacional dos seres aparece já na actividade lúdica da criança e faz dela um matemático em miniatura: — a criança actua como matemático a

(Continua na 5.ª página)

Moçambique

Terra Irmã

O colonato do Vale do Limpopo é uma afirmação da nossa obra civilizadora em África.

Quem conheceu este Vale escondido em seu denso matagal, habitado por animais ferozes, lançado á solidão, ao esquecimento de séculos, entoando a canção de silêncio esmagador, por entre a infindável selva; quem o conheceu nos dias de canícula e nos dias, em que a chuva impetuosa tornava intransitáveis todos os caminhos e atalhos; quem o conheceu no tempo das grandes secas, contemplando o espectáculo arrepiante que nos oferece o mato seco, improdutivo, sem vida, atravessando o seu rio a pé enxuto e no tempo das grandes cheias que tudo arastavam tornando infrutíferos todos os trabalhos que alguns agricultores nativos tinham feito para obter meios

para a sua subsistência não pode deixar de admirar o milagre que observa, esforço do braço do homem, resultado do nosso desejo de desventrar a terra virgem e cobri-la de frutos de que a humanidade está àvida.

Centenas de milhares de contos foram investidos. O capital foi posto ao serviço do povo. Este, com o seu trabalho, conseguiu já arrancar a esse solo duro, mas generoso, a maior parte do capital empregado. Milhares de toneladas de produtos alimentares já foram exportados e cada vez o seu número aumenta mais. Há anos, Moçambique importava arroz da China e Índia, hoje exporta em grande escala.

Cerca de doze mil pessoas aqui ganham o pão de cada dia. Uma juventude esbrançada cresce para a vida.

(Continua na 5.ª página)

Conferência, pelo Ex.mo Sr. dr. António Augusto

Lopes, subordinada ao tema :

«Reflexões sobre o ensino da matemática no plano da profilaxia social»

partir do momento em que as relações são organizadas independentemente dos objectos que as suscitam e está apto a operar sobre elas. O «carácter relacional» é, por isso, ponto essencial a ter em conta no problema do ensino.

Como, nos termos dos objectivos específicos da Liga Portuguesa de Profilaxia Social, tudo quanto favorece a cultura realiza profilaxia, o conferente põe a «assembleia» em nova situação a matematizar e tornando-a como susceptível de actividade matemática; a matemática e o seu estilo de pensamento são elementos essenciais de cultura geral do homem moderno; fomentar a cultura é realizar profilaxia para apresentar os factores determinantes do problema central do ensino da matemática nos liceus: crescimento extraordinário da Matemática nos últimos anos; penúria de professores; a necessidade de novas estruturas escolares, em face de novos níveis de civilização; escolaridade obrigatória; educação contínua e permanente do cidadão.

Tendo em conta as sessões internacionais de trabalho sobre o ensino da Matemática, promovidas pela O. C. D. E., pela Comissão Internacional de Ensino de Matemática, pela Unesco e outras organizações, o Doferente menciona o que a sociedade exige dos professores e a situação em que deve colocá-los para fazer as suas exigências. A Liga de Profilaxia oferece um problema, um mal que aflige a sociedade — a penúria de professores qualificados. A cura desse mal é exigida pela sociedade, sob pena de grave solução de continuidade no seu desenvolvimento.

Comprovada a existência e necessidade, de um movimento renovador da didáctica da Matemática, definem-se as directrizes gerais da actividade docente, como consequência da evolução do pensamento matemático. Frisando que não há oposição de conteúdo entre a Matemática Moderna (Matemática das estruturas), e as Matemáticas clássicas, e que a crítica dos fundamentos da própria matemática operou, isso sim, uma total mudança de perspectivas; considerando que a estrutura das noções de base so-

bre que assenta todo o edifício matemático, acompanha de perto as estruturas mentais — no dizer de psicólogos da inteligência, como Piaget — destacou as principais das estruturas matemáticas e toma-as como susceptíveis de provocar o desenvolvimento da inteligência dos jovens.

Baseia a nova didáctica em três axiomas (axioma de actualidade; axioma do nível mental; axioma de actividade) e deles deduz as respectivas directrizes metodológicas.

Em seguida, fazendo uso de material Cuisenaire, de dispositivos e filmes, de trabalhos nascidos da actividade

de espontânea dos alunos ilustra as suas afirmações; dá também conta de uma experiência realizada com alunos de duas escolas primárias, comentando os resultados.

Na parte final da conferência comenta-se a acção desenvolvida nos Liceus Normais, no respeitante à preparação dos novos métodos de ensino de Matemática, promovida pela O. C. D. E., em Atenas, no mês de Novembro de 1963.

Ao terminar o seu interessante trabalho foi o Sr. dr. António Augusto Lopes muito aplaudido e cumprimentado.

Vão Morrer os DRS.

—> (Continuado da 1.ª página)

pelos «drs»? Sem pretender arriscar teorias sociológicas, creio poder dizer — que para tanto basta a observação de qualquer pobre mortal — provir do escasso número de licenciados que em Portugal existiu sempre. Consequentemente, esses licenciados preenchiam sempre o que costuma designar-se por bons lugares. Os cargos bem remunerados e, correlativamente, de projecção — ou menos representação — social. Chegou-se a um extremo tal que muitas vezes até mesmo aqueles que nunca se intitularam drs. mas que por inteligência e trabalho subiram a posições de relevo e importância se viram obrigados a permitir que lhes dessem o título, para que continuos e empregados, quando não mesmo os colaboradores ou os clientes, aceitassem a sua posição. Prevalecia um espírito que pode resumir-se numa frase: «Se não se é dr. então é-se como os outros». Nada mais contava.

Atrás de tempo, tempo vem, diz o provérbio, e com o rolar dos anos as coisas começam a modificar-se. Pouco a pouco o nível de estudos aumentou e, simultaneamente, começaram a surgir profissões e lugares remunerados convenientemente, e de representação social, como, por exemplo, cargos em companhias de aviação. Por outro lado, o próprio progresso técnico permite maior absorção de trabalho em profissões não braçais. E, por fim, o conhecimento cada vez

maior da vida dos outros povos tem desfeito a impressão de que a licenciatura universitária é, necessariamente, condição indispensável para que se seja inteligente ou capaz.

Longe de mim a ideia — triste ideia — de elogiar o autodidactismo. Não que não existam autodidactas de reais e grandes méritos. São porém, casos esporádicos. O que estou a elogiar é o espírito novo que se vai instalando no comum das gentes, que já não olha para os drs. com o ar provinciano de quem nunca viu um prédio de oito andares. Espírito novo que tende a alargar-se, que resulta do próprio progresso de país e que restituirá ao doutor — àquele que se doutorou, não ao simples licenciado — o prestígio do seu grau académico.

Pois o importante não será o papel que cada indivíduo desempenha na sociedade? Para quê fazer depender a sua importância e o seu valor intelectual de um simples «dr.»?

Felizmente o progresso começa, nesse aspecto, a fazer-se sentir. E talvez possa, por isso, arriscar-se uma previsão: «Meus senhores, vão morrer os drs.»

Folecimento

VILA DA MAIA — Na sua residência á Via Norte, faleceu c/ 89 anos a Sra. D. Maria Rosa Ferreira Bártolo Tomé, mãe do Sr. Arnaldo Mendes Tomé, Tesoureiro de Fazenda Pública de Amares, nosso estimado assinan-

Notícias do Gerês

Francisco José de Miranda

No dia 13 do corrente faleceu nestas Termas o Sr. Francisco José de Miranda, solteiro, de 75 anos.

O extinto era muito estimado por todos, pela sua bondade. Era irmão das Sras. Albina da Conceição Miranda e Maria das Dores Miranda, e cunhado do Sr. Lino Pires, guarda florestal aposentado.

Apresentamos os nossos pesames a toda a família em luto.

Caminho para o Cemitério:

Por algumas vezes foi dito neste «SEMANÁRIO», que havia absoluta necessidade de melhorar o caminho

Santa Casa da Misericórdia AMARES

EDITAL

PADRE JOAQUIM FERREIRA, Presidente da Assembleia Geral da Santa Casa da Misericórdia do Concelho de Amares:

FAÇO SABER QUE nos termos do § 1.º do artigo 27.º dos Estatutos desta Misericórdia, convoco todos os associados para o dia 1 de Março do ano corrente, se reunirem em Assembleia Geral, a fim de se pronunciar acerca das contas de gerência do exercício findo 1963, a qual terá lugar no edifício desta Santa Casa, pelas 11 horas.

Não comparecendo número suficiente de associados, (maioria), funcionará a mesma Assembleia uma hora depois com qualquer número.

Para constar se lavrou este e outros de igual teor que serão afixados nos lugares do costume.

E eu Carlos Felicissimo Antunes Gonçalves, Secretário o subscrevi.

Amares e Secretaria da Santa Casa da Misericórdia, aos 17 de Fevereiro de 1964.

O Presid. da Ass. Geral,

P.º Joaquim Ferreira

te há muitos anos residente na Feira Nova, — Amares, onde desfrutava de grande número de amigos e geral simpatia.

Esta bondosa Senhora, era sogra da Sra. D. Julieta Mendes Tomé e avó das Sras: D. Elsa e D. Leonor Mendes Tomé.

À Família Mendes Tomé, Tribuna Livre apresenta sentidas condolências.

C.

que da capela de Santa Eufêmia dá acesso ao cemitério local, o que até à data nada se tem conseguido. Consta-nos agora que a Junta de freguesia pensa em melhorar o referido caminho para isso já conseguiram alguns colaboradores, no entanto não é de esquecer que o caminho referido tem uma rampa muito elevada sem solução de boas medidas.

O melhor seria um novo caminho, que podendo ser muito mais curto, era menos acidentado e com muito melhor utilidade, tanto para servir o cemitério, como para acesso á estrada florestal que vai da Assureira a Tuncêda, que nessa altura pouparia cerca de 4 kms, actualmente se faz pelo lugar da Assureira tornando mais curta a distância entre as Termas e a sede do concelho.

Para este empreendimento julgamos que se poderia contar com a boa colaboração de todos os Geresianos, além da Junta de freguesia e até da Câmara Municipal, não pondo de parte os Serviços Florestais, que estão sempre prontos a actuar nas grandes melhorias desta região.

Cá ficamos aguardando a melhor solução do assunto, para que umas das melhores Termas do país vão tendo alguns melhoramentos de que muito precisam.

Desastre de Viação

No dia 18 do corrente, por cerca das 18 horas, deu-se um brutal desastre do qual foi vítima o infeliz médico Sr. Doutor Francisco Xavier de Azevedo, residente em S. Bento da Porta Aberta.

O Sr. Doutor Xavier de Azevedo seguia para a sua residência montado na sua moto como do costume, surgindo-lhe uma camioneta de passageiros que o vitimou a ponto de ter de ser internado no Hospital de S. Marcos da cidade de Braga e ali operado de urgência.

No dia seguinte foi visitado por vários amigos, lamentando o sucedido. Vai sentir-se a falta de um médico que nesta localidade estava sempre pronto a bater á porta dos pobres vizinhos, que além das suas consultas ainda lhes dava dinheiro.

Fazemos votos a Deus para que o seu restabelecimento seja rápido e que a vida se lhe prolongue ainda por muitos anos.

C.

O anunciar no «Tribuna Livre» é contribuir para o progresso da nossa linda Terra

LEIA E ASSINE O

Jornal Feminino

TRIBUNA do CONCELHO

CARTA DE LAGO

***** Aos amigos de perto e de longe *****

Hoje vou dizer-vos algumas coisas sobre aquilo que mais rareia entre nós: a educação.

Toda a gente sabe que a educação não pode confundir-se com instrução. Pode um homem ser muito instruído e não ter educação, podendo então ser um malcriado. Quem não tem encontrado médicos, advogados, e, até sacerdotes com uma linguagem indigna da sua posição social? São instruídos; mas, faltou-lhes a educação, ou, pelo menos, a vontade para a receber... É que não basta frequentar colégios, universidades, ou conviver com pessoas delicadas, mesmo Santas. É preciso querer ser educado. De outra forma as lições e os exemplos pouco, ou nada, adiantam.

Há cerca de um mês uma senhora em Braga queixava-se contra a ausência de educação em bastantes estudantes do liceu. Dizia ela que lhe entravam em casa, atrevidamente, dizendo piadas, escarnecendo. Eu mesmo foi testemunha e vítima de parcial da grosseria de alguns desses meninos que nem respeitaram o dono da casa, um comerciante, nem a mim. Eu e ele fizemos que não víamos nem ouvíamos ninguém. Casos idênticos aparecem diariamente neste pobre mundo, em que vivemos, com jovens e adultos, dando origem a desordens, mais ou menos graves, quando os pacientes não têm a necessária virtude para sofrerem calados e resignados as faltas dos mal educados, ou voluntariamente sem educação...

O Papa Clemente XIV escreveu que o homem será «tudo ou nada conforme a educação recebida».

Outros, como Marcel Prévost, dizem que o nome da «Educação» é «Paciência».

Desta forma poderíamos concluir que a educação se identifica com a virtude da

Paciência. De facto as pessoas bem educadas são também pacientes, e sabem e querem respeitar as ideias, os actos e os bens das pessoas que as cercam. Por isso a boa educação traz, naturalmente, o bem da paz alicerçada na caridade e na justiça.

Educar é uma arte muito difícil. Para bem educar é preciso «inclinar-se sobre uma alma imortal, adivinhar cada instinto, para lhe dar nobreza, espirar cada arrojo, imprimindo-lhe fortaleza, como alguém escreveu: Educar é qualquer coisa como criar, tirar do nada. Numa criatura, capaz de ser um condenado ou um santo, produzir hábitos bons, ideias boas, seriedade, e matar, uma por uma, as inclinações más que, como joio entre o bom trigo, podem ir nascendo e medrando. Educar é fazer de uma criança um homem, é fazer de um homem um cristão digno e santo.

Nós todos nascemos na maior pobreza, mais pobres que os próprios irracionais, se atendermos às aparências. Até os príncipes e reis tiveram a mesma entrada neste mundo, nus e a chorar, incapazes de tudo. É pela acção dos educadores, pais, tutores e mestres que o mundo de potencialidades existentes, invisivelmente, em nós vai desabrochando, e se vai enobrecendo. É necessário fazer desabrochar essas potencialidades e, conforme vão desabrochando, é necessário enobrecê-las. É essa a missão dos educadores. Seremos na vida o que for a nossa educação. «Ser-se-á tudo ou nada, conforme a educação recebida».

Como é difícil a arte de educar!

Como são tão poucos a educar e tantos a deseducar, neste mundo enlouquecido!!!

Vosso: J. Moreira

SERAMIL

P. Paulo L. Rodrigues

No passado dia 9 do corrente, faleceu, na residência paroquial desta freguesia, o sr. P.e Paulo Lourenço Rodrigues, com 87 anos natural da freguesia de Campo, Terras de Bouro.

O ilustre sacerdote desde há tempos que se encontrava impossibilitado de exercer o seu múnus fazendo as mesmas funções o Rev. P.e João de Deus Martins, digníssimo pároco da freguesia de Vilela.

Os Restos Mortais do P.e Paulo foram sepultados no cemitério de Vilela visto ser essa a sua vontade, pois que, quando curou esta freguesia, elegiu-a com o sua predilecta, querendo, portanto, repousar eternamente entre os que um dia foram os seus predilectos.

O corpo desceu para uma sepultura da família da sra D. Rosa da Costa Paiva que quis, assim, manifestar o seu pesar, pela morte do tão querido P.e Paulo.

PAZ À SUA ALMA

Deslocou-se a esta freguesia para celebrar missa pelo eterno descanso do P.e Paulo, o rev. P.e Avelino dos Santos Antunes.

A Família agradece

2.ª publicação



Tribunal da Comarca

DE

AMARES
ANÚNCIO

Pela Secção de Processos da Secretaria Judicial desta comarca, correm éditos de VINTF dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos dos executados AMÂNDIO JOSÉ DA SILVA e mulher MARIA ARMINDA FERREIRA VILELA, proprietários, da freguesia de Bouro, Santa Maria, desta comarca, para no prazo de DEZ dias, posterior àquela dos éditos, reclamarem o pagamento dos seus créditos pelo produto dos bens penhorados sobre que tenham garantia real, na execução movida por Padre José de Miranda, de Creixomil - Barcelos.

Amares, 21 de Dezembro de 1964

O Escrivão,
Vitor Manuel Lopes Afonso

VERIFIQUEI

O Juiz de Direito,
Fernando Adelino Fábão

Vitalidade Orgânica

—» (Continuado da 1.ª página)

possam imprimir a máquina tal força que a estoirem, quando o que é certo, é que estamos na época das velocidades e a nossa máquina só a jacto poderia apanhar as outras.

É agradável verificar-se a vitalidade de algumas prestigiosas instituições, que são raros exemplos de dinamismo e trabalho para bem da GREI.

Assim como é desolador ver-se noutras, o ostracismo, incapacidade, falta de brio, e, vá lá, de respeito, para com os organismos que dirigem, e seu associados, pobres vítimas dum capricho inconcebível...

Quando isto acontece, como em Amares, em organismos de maior importância, como o da Lavoura e num concelho essencialmente agrícola e rural então é uma autêntica desgraça.

Numa altura em que os problemas da Lavoura e as suas MISÉRIAS têm sido o assunto principal da Imprensa e, até do Governo, chegando até a fazer esquecer Angola, numa altura em que todos em uníssono clamam por protecção para a Lavoura, em Amares não há o menor alento de esperança, tal e qual as coisas se encontram.

Além da incapacidade sempre ali verificada; ele está agora ilegal e sem órgãos dirigentes.

Não tem Conselho Geral, não tem contas aprovadas e consequentemente não tem direcção. Também não tem Comissão Administrativa.

O que é aquilo então? Não sabemos.

Enquanto isto sucede, a nossa pobre Lavoura:

Não tem uma Adega Cooperativa.

Não tem um celeiro da F. N. P. T.

Não tem as máquinas agrícolas indispensáveis ao pequeno lavrador e a preços de aluguer compatíveis.

Não tem o agrónomo ou regente agrícola que aquela entidade era obrigada a possuir, e que tanta falta faz.

Não tem uma escola agrícola, tão necessária;

Não tem uma casa em Lisboa para a venda, da sua laranja tão afamada, ou em Lisboa, Luanda ou Lourenço Marques, para os seus vinhos;

Os produtos essenciais e que são de sua exclusiva dis-

Depois de terdes o «TRIBUNA LIVRE» ofereci-o a um filho da nossa linda terra que o não conheça.

tribuição, são pelo preço da morte.

Não tem, finalmente, tanta coisa que conhecemos noutros congéneres.

Que protecção se pode dar à Lavoura com tais organismos?

É um órgão concelhio que falha, que sempre falhou, e é pena porque ele tinha á sua frente uma obra enorme a fazer em prol desta nobre gente, essencialmente agrícola e rural, que, como já dizia Júlio Dinis, nunca o Sol encontrou na cama, e que sendo tão agarrada a terra, tem de emigrar, para, lá fora, moendo um duro labor, poder conservar aquele torrão que era dos seus e o viu nascer.

Enquanto não se cuidar seriamente em exigir a todos os dirigentes um mínimo de condições de trabalho, de iniciativa e de dinamismo, tudo irá de mal a pior, e continuará a acontecer como agora com a crise da Lavoura...

Todos ralham e ninguém tem razão.

Paulo Macedo

GOÃES

Finda a instrução militar, partiu para o ultramar em defesa da integridade da Pátria, o sr. José António Correia Peixoto, filho do nosso assinante e colaborador, Agostinho César Correia Peixoto.

Desejamos que os seus serviços sejam coroados de êxito para honra de Deus, Pátria e Família. Boa viagem e bom regresso à casa paterna.

C.

Se V. Excelência desejar considerar-se assinante do Tribuna Livre, bastará enviar à Administração deste jornal, a importância de:

Condições de Assinaturas

Continente	
Ano	50\$00
Semestre	25\$00
Ilhas	
Avião—ano	50\$00
Semestre	25\$00
Barco—ano	60\$00
Semestre	30\$00

Brasil	
Avião—ano	180\$00
Semestre	90\$00
Barco—ano	80\$00
Semestre	40\$00

Estrangeiro	
Avião—ano	180\$00
Semestre	90\$00
Barco—ano	80\$00
Semestre	40\$00

Aceitamos a assinatura de V. Excelência, a qualquer altura do Ano.



RELOJOARIA
MAURÍCIO
QUEIROZ

CASA FUNDADA EM 1903

Oficina completa de reparações de relógios de todo o género

completo sortido de relógios das melhores marcas

R. D. Frei Caetano Brandão Telef. 22526 BRAGA

Tribuna de TERRAS DE BOURO

Haja quem persiga e castigue severamente os assassinos da Flora Nacional

Por
Manuel A. B. Marques

O meu principal desejo e dever, neste momento, será explicar ao nosso humilde Lavrador e a toda a gente da minha aldeia, e principalmente a todos aqueles que porventura não possuam o verdadeiro conhecimento e compreensão do que significa a palavra «Flora».

A Flora é o conjunto de todas as plantas duma Região. E como toda a gente compreende muito bem «assassino» é aquele indivíduo que mata voluntariamente, ou que põe em execução os seus baixos e brutais instintos de malvadez, com os propósitos de matar, ou prejudicando os bens dos seus semelhantes, destruindo os interesses e os valores do seu próximo que são quase sempre regra geral, os interesses, os valores e as riquezas duma Região, de cujo conjunto são formados os interesses, os valores e as riquezas Nacional.

Pois em igualdade de circunstâncias (ao assassino) é colocado, perante o banco dos criminosos todo aquele indivíduo que se atreve a destruir ou matar, voluntariamente as plantas, aquelas árvores que, passados bem poucos anos, representariam um valor equivalente a umas largas dezenas ou até centenas de contos. E a verdade é que, em algumas localidades da nossa Região, há indivíduos, tão desalmados, com instintos tão baixos que, com a maior das naturalidades, arrancam, cortam, destroem, assassinam as árvores nas propriedades dos seus vizinhos, sem escrúpulo algum, sem consciência e sem vergonha; e, certamente, esses energúmenos figuram no rol dos bons católicos da sua Região, onde esses execráveis crimes se verificam tão amiudadas vezes, e que só podem servir (e servem) para rebaixar a honra, a dignidade, a moral e a educação dum Povo.

E, quando nós somos obrigados a trazer a público a prática criminosa de tão repugnantes façanhas, é sempre com grande aversão que o fazemos, levados unicamente pelo desejo entusiasta de remediar males e possivelmente despertar nas autoridades locais ânsia e interesse pelo digno cumprimento dum dever: — castigar os que erram e educar os que porventura perderam aquela educação que teriam herdado dos seus avós. E digo de seus avós, porque hoje, re-

gra geral, os pais perderam toda a educação e todo o temor de Deus e por essa razão, não a podem transmitir a seus filhos — porque lá diz o ditado: «ninguém pode dar daquilo que não possui» ..

É tão revoltante e repugnante é ter que se afirmar que muitas vezes acontece ser o próprio pai quem vai na dianteira do filho, como que a ensinar-lhe o caminho da prática do roubo e de toda a espécie de crimes!... E estas aviltantes façanhas, infelizmente, têm muito de realidade, actualmente, dentro da periferia do nosso Concelho.

Os nossos Avós — o bom Povo de Terras de Bouro — prezavam-se de ser educados honrados e bons católicos. Porém hoje... é o que se vê!... E, concretizando as minhas afirmações, passo a descrever o aviltante caso, que me chegou aos ouvidos: — Há dias, uma senhora de Terras de Bouro, — com modos muito finos, educação esmerada e frases fidalgas, — telefonou-me, com o fim de me transmitir a prática de mais um desses nefandos crimes, selvaticamente levado a efeito pelos tais assassinos de árvores, dentro das propriedades dessa senhora situadas dentro dos limites de Terras de Bouro.

Não cheguei ao conhecimento de quem era essa senhora — nem isso me interessava, nem tampouco me interessava saber se era pessoa rica ou pobre, porque estas vergohosas notícias têm que ser recebidas, aceites e julgadas imparcialmente, à face da Justiça e da Moral, igualmente para ricos e pobres. Passados dias, mais um outro indivíduo (desta vez um cavalheiro) me telefonou a queixar-se de que nas suas propriedades lhe tinham destruído um grande número de árvores com requintes de verdadeira selvejaria.

Estas proezas aviltantes estão a passar-se dentro do nosso concelho, com a maior naturalidade... e um à-vontade... como se estivessemos nos desertos sertões de África... onde ainda não chegou a educação, a religião e... a Justiça. Onde, em suma, não há autoridades!...

Esses senhores que se queixaram, informaram-me que, só nos últimos dias, após as últimas chuvas, lhes tinham destruído umas oitocentas árvores, nos montados, entre as quais figuravam vários

eucaliptos; umas arrancadas, outras cortadas à foice e outras quebradas. Informaram-me mais de que crimes da mesma espécie se vêm verificando noutras propriedades dos seus vizinhos.

Paremos aqui uns momentos... e vejamos apenas: — oitocentas árvores que... passados mais vinte anos... e teríamos, dentro daquela violada Região, mais o valor de... quatrocentos contos!... (isto dando-lhe uma média muito pelo desbaratol...). É caso para se perguntar: — Esses assassinos de árvores já alguma vez pensariam no prejuízo que causaram ao seu semelhante?!... Já se confessariam desses nefandos crimes?!... Que vergonha e que baixeza para a nossa Terra...

Mas eu dou a resposta: — Quem se atreve a proceder tão vilmente, não é católico.. nem se confessa... e, por essa razão, não haverá outro remédio senão recorrer-se às autoridades que infelizmente, dentro do nosso concelho, parece deixarem correr tudo à lei da natureza!... e não há possibilidades de se chegar a descobrir o que será que um dia virá a interessar às nossas autoridades... alguma obra com alguns vestígios de bom ou de útil para o nosso Povo ou em defesa do nosso Povo!...

Em todos os concelhos rurais existiu sempre um Administrador ou Delegado policial que, auxiliado pelos respectivos regedores das freguesias, procuravam por termo à prática de crimes de qualquer espécie ou natureza. E a verdade é que, nesses tempos, raríssimas vezes se notavam crimes, com tanta frequência como hoje; e, quando se verificavam no meio da Sociedade, logo as autoridades empregavam todos os meios, com o fim de por a claro os seus autores, aplicando-se-lhes, em seguida, o respectivo correctivo, conforme a natureza e gravidade do crime cometido e do prejuízo causado. Mas...

Com a trágica mudança de regime, em 1910, dentro do nosso País, parece que a face da Terra se modificou também!... Criaram-se então os Postos rurais da G.N.R., — pelo menos um em cada concelho, — que vieram quase substituir as atribuições dos Administradores dos Concelhos rurais. Ora, a G.N.R. foi instituída (como polícia rural) com o fim de zelar, vigiar, guardar e defender

todas as propriedades rurais, dentro dos limites de todo o concelho. Estes são os seus principais deveres e obrigações para cumprir; e daqui se depreende que, quando a G.N.R. surge junto do proprietário, junto do nosso Lavrador, deve representar para ele, uma consolação e uma satisfação perfeita, — pelo menos para aquele indivíduo cumpridor dos seus deveres, porque nela devia ver um verdadeira guarda das suas propriedades. E deviam ser também estas as instruções dimanadas das Câmaras Municipais e postas, incondicionalmente, em execução pela G. N. R.

E aqueles crimes que, dia a dia, se vão praticando e repetindo, desalmadamente, por toda a parte?!... Isso sim!...

Não será um dever e uma obrigação que à face da Lei e da Justiça se impõe às autoridades, que deviam empregar todos os esforços, investigando, corrigindo, educando e castigando severa-

mente toda a espécie de criminosos?!...

As nossas autoridades acharão airoso, digno de louvor, estes aviltantes crimes, que nós não podemos deixar de fazer eco publicamente?!... Os nossos interesses serão sempre os interesses da Lavroura!...

Verifiquem, Senhores Guardas o que de crimes se estão a passar por toda a parte!.. metam na ordem os energúmenos!... tratem de perto e com sincero carinho o nosso Lavrador e ponham sempre ao seu dispor a guarda e a vigilância das suas propriedades; e então, de mãos dadas, dêem ao nosso Concelho mais um pouco de educação e respeito pela propriedade alheia, perseguindo e castigando severamente os que erram!...

Monografia de entre Homem e Cávado

Concelho de Amares e Terras de Bouro

Acaba de ser editado o III Volume da Monografia de Amares e Terras de Bouro. Todas as pessoas interessadas podem desde já requisitá-las

A Caminho da Babilónia

Receamos o lodo e caminhamos para Babilónia.

O cheiro amargo das plantas do caminho passaria nas ruínas da nova exploração, negras redondas, na grande planície de olhos secos...

Uivamos lembrando-nos dos vimes: julgamos curvar a planície.

Mas as aves já não cantavam, as videiras choravam nos rostos dos podadores, os filhos desconheciam os castelos e as espadas, e, ninguém queria ser cimento, pedra ou cão...

Aqui tivemos que ficar, pois mesino as nossas pernas peludas e cheias de anilhas, não identificaram a nossa origem.

J. Tagalavia
12-1-64

Deseja trabalhos tipográficos com rapidez e perfeição?

DIRIJA-SE À
A MODELAR

Telefone 6 21 13

Amares

Moçambique

Terra Irmã

Um grande futuro está reservado a este povo.

No entanto, se a obra é grandiosa podia ser muito mais. Houve algumas falhas. toda a obra humana tem imperfeições.

Nós, portugueses, possuidores de uma índole humanitária, tesouro que herdamos dos nossos antepassados descansamos, por vezes, à sombra deste feito louvável e não empregamos todos os esforços possíveis que resultem proveitosas as influências sociais das empresas que levamos a efeito. Claramente falando, não possuímos uma verdadeira formação sociológica.

O colonato do Limpopo, digno de elogios em quase todos os aspectos tem também o seu lado fraco, alguns pontos negros a ambicionar o esplendor dessa magestosa obra. Falhas de chefes e de chefiados.

Quando chegaram os primeiros colonos, não foi verdadeiramente assegurada toda a assistência humana que exigia a sua condição de europeus em clima tropical. As primeiras dificuldades encontradas—só quem emigrou alguma vez é que as conhece—surge o desânimo originado também pela nostalgia da terra natal.

Esses colonos já tinham as suas casas—estas boas—e as terras designadas, sendo só preciso lançar-lhes a semente. Quatro hectares de terreno para cada família, algumas com dez filhos e mais, graças a Deus, — era ridículo, isto numa terra que parece não ter fim. Hoje, muitos desses colonos já pagaram ao Estado todas as despesas feitas e já são suas as casas e terras que cultivam. De início, como todos tiveram que entrar no regime de pagamento com produtos agrícolas à Brigada Técnica do Colonato. Neste aspecto houve vários abusos que provocaram o descontentamento do agricultor. E, assim, foram várias as privações passadas e alguns voltaram à sua terra mais pobres de que quando dela saíram.

Mas se houve defeitos desta parte também os houve da parte dos chefiados.

Não se seleccionou a vinda de colonos para cá. Recrutados sem as exigências morais, culturais e profissionais que a sua missão exigia isto contribuiu bastante para que não se atingisse os objectivos que se tinham em vista. O povo simples das nossas aldeias é, duma maneira geral bom, trabalhador, mas não podemos ocultar a sua rudez que não é fonte de riqueza. Conjuntamente

existe o joio, a escória da sociedade rural e esta devia de ser excluída. Porque nem sempre se procedeu desta forma, apareceram por cá «senhores» que pensaram que vinham para a África mandar pretos e não se dedicavam ao trabalho. E como trabalhar, em toda a parte do mundo mas principalmente aqui em África custa bastante, entenderam que os outros é que deviam trabalhar para os sustentar. E isto, porque essas pessoas não eram portadoras de qualidades de trabalho e só causaram despesas ao Estado e atrazaram o desenvolvimento a «descolagem» económica do Colonato.

No decorrer do tempo várias falhas tem sido eliminadas proporcionando aos colonos um nível de vida mais elevado. Mas vão aparecendo outras.

Nunca, ao lado de qualquer exploração agrícola se pode colocar de parte a exploração industrial. Sim, porque não se pode conceber que os produtos agrícolas, para serem industrializados tenham que percorrer centenas de quilómetros voltando alguns ao ponto de origem caríssimos, e ainda com a agravante de terem deixados desocupados muitos braços.

Se examinarmos as causas da emigração rural portuguesa, que é assustadora concluímos que uma das principais é a falta de indústria no próprio meio.

No Limpopo, pensou-se tarde neste aspecto mas ultimamente alguma coisa se

tem feito. Espera-se que seja atingida a meta desejada.

Um dos factores de progresso, que não me leva a ter a mínima dúvida ao afirmar o potencial de riqueza que representará para Moçambique e para a Nação este Vale do Limpopo está na existência de uma Escola Agrícola. Foi dos passos mais bem acertados.

Os alunos, filhos de colonos, agricultores de amanhã, não se assemelharão aos seus pais que sabiam apenas manejar a enxada e a foice. Sim, porque um agricultor do século XX tem que, além de saber escavar a terra, arrancar dela o máximo rendimento estudando-a, aplicando-lhe adubações exigidas, culturas diversas; tem que saber conduzir veículos motorizados, ser por vezes mecânico, soldador; tem que saber fazer uma escrita comercial e ter conhecimentos mínimos de sociologia rural—a grande ciência desconhecida. Doutra forma, será agricultor dos tempos de Virgílio.

Esta empresa, pensada e levada a efeito por alguém que gastou quase toda a sua vida ao seu serviço tem sido visitada e admirada por nacionais e estrangeiros e ao mesmo tempo tem servido para incentivar a criação de novos colonatos, tanto em Moçambique como em Angola—única forma eficiente de povoar as nossas imensas selvas africanas.

Manuel de Oliveira Veloso

Contra o Trono do Leão de Judá

Nem sempre as lutas na África são o que parecem. E assim é que a questão entre a Etiópia e a Somália não passa aparentemente de um conflito de fronteiras entre um povo sedentário—os amaras—e um povo nómada—os somális. Ora, desde que se encontram frente a frente agricultores sedentários pastores nómadas, a sua concepção de fronteira nunca foi a mesma. O nómada sempre batalha por manter livre o passo aos seus rebanhos; o agricultor, por conservar ao abrigo dos gados errantes os seus campos e as suas culturas. Lutas como estas enchem as páginas do Velho Testamento.

Sucede, porém, que os somális, inimigos tradicionais da Etiópia, que tem no amara o povo dominador, são muçulmanos, enquanto são cristãos os amaras. Ao conflito de fronteiras soma-se, pois, o conflito religioso. Foi contra os somális, acaudilhados pelos turcos, que os etíopes chamaram em seu auxílio, no século XVI, os portugueses, que lhes acudiram com uma expedição comandada por Cristóvão da Gama, filho do descobridor do caminho marítimo para a Índia. E os castelos erguidos então por arquitectos militares lusitanos na província etíope de Gondar não tinham outro objectivo que não fosse deter as invasões periódicas e devastadoras dos somális e outros nómadas.

Os somális são hoje, porém, um povo repartido por quatro países. Constituem a actual República da Somália (cuja capital é a cidade a que os nossos navegadores de Quinhentos chamaram Mogadoxo, palavra de que os italianos fizeram Mogadíscio) o que foi a Somália italiana e mais a antiga Somalilândia britânica. Mas há, depois, a Somália francesa—uma das últimas colónias que a França ainda conserva em consequência da importância estratégica da base naval de Jibuti. Há os 100.000 somális que vivem nas regiões do Norte do Quênia. E há, finalmente, os 450.000 que habitam a província etíope do Ogaden. Ao clássico conflito de fronteiras e ao conflito religioso junta-se assim, para o Governo de Mogadoxo, um problema de prestígio nacional: cumpre-lhe, afirma, reunir sob a mesma autoridade todos os somális—os de Jibuti, os do Quênia e principalmente os do Ogaden.

Há ainda, no entanto, um antagonismo de outra ordem. A Etiópia é uma monarquia de tipo feudal—a mais antiga monarquia da África. Ora a Somália é, por seu turno, um dos países da África sobre que a Rússia e agora também a China exercem maior influência. São oficiais russos os construtores do

pequeno exército somáli. São armas soviéticas as que esses soldados manejam. E com capitais russos e também, agora, chineses (modestos, estes últimos) que estão a montar-se na Somália algumas indústrias, a construir-se algumas barragens e a concluir-se uma grande base aero-naval, cuja existência não poderá deixar de inquietar o Império Hailé Selassié. Há também, portanto, a somar ao conflito de fronteiras, ao antagonismo religioso e ao problema de prestígio nacional, um conflito de carácter ideológico: a Somália aberta à influência das grandes potências comunistas representa, evidentemente, uma ameaça crescente para as instituições tradicionais da monárquica Etiópia.

Não interessa muito, por isso, se foram os itíopes quem, agora, atacou os somális ou se foram os somális quem lançou contra os itíopes uma ofensiva já de certa envergadura. Nunca se sabe, em tais casos, quem abriu fogo. O que interessa é verificar que não podem coexistir pacificamente esses dois países africanos, até porque, em rigor, a Somália não chega a ser um país... Mas bem pode acontecer que ninguém oia, quer na ONU, quer na Organização de Unidade Africana, os apelos do «Negus». Não-de-lhe dizer, com certeza, o que têm dito a Portugal—que não se pode ir contra os «Ventos da História». E Cristóvão da Gama já não poderá correr em seu auxílio, porque está a bater-se, agora, não sei se em Angola, se na Guiné... Começa a vacilar, nos seus multiseculares alicerces, o trono venerável do Leão de Judá.—ANI

Monografia de Entre-Homem e Cávado

Está concluída esta importante obra que tanto honra o Concelho de Amares.

Obra levada a cargo sem intuítos comerciais, ela é devota ao carinho e sacrifício de alguns Amarenses, sendo de destacar o seu autor Senhor Domingos Manuel da Silva, que a esta obra se devotou com amor e estoicismo, pondo à prova os seus vastos conhecimentos e o seu tacto de investigador.

A Monografia está dividida em 3 volumes, sendo:

I Vol — Monografia de Amares

II — — — — —

III — Morg, de T. de Bouro.

O seu custo é de 30\$00 cada volume.



AO PREFERIR

«JORNAL FEMININO»

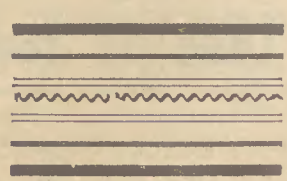
Prefere a revista mais portuguesa de Portugal.

Gosta de estar actualizada em moda, culinária, cinema, literatura, crochet, tricot, maquilhagem, decoração e tantas outras coisas que a mulher deve saber?

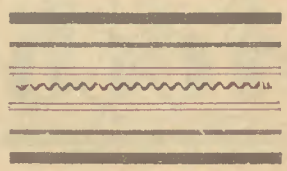
Então, compre de quinze em quinze dias «JORNAL FEMININO» — Da mulher para a mulher. Sai aos dias 1 e 15 de cada mês. Envie a foto do seu bebé para a Galeria Infantil desta revista. Horóscopo, concursos, reportagens, entrevistas «JORNAL FEMININO» companhia amiga, leal e sincera.

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E PUBLICIDADE: TELEF. 3 07 96 Rua D. João IV 904 PORTO

Depois de lerdes o «TRIBUNA LIVRE» ofereci-o a um filho da nossa linda e briosa terra que o não conheça.



DESPORTOS



Problemas dos GRANDES

Simultaneamente, como epidemia, registam-se crises nos três «grandes» de Lisboa. Cada clube tem seu problema, e nenhum dos três parece em vias de solucionar o que lhe cabe.

Começemos pelo Benfica. Quando, em fins do ano passado, se preparou a eleição de novos corpos gerentes, foi publicado o relatório das contas do clube e apareceu como um choque para a opinião pública — e muito especialmente para os adeptos do clube — o «deficit-monstro» da gerência: 23 000 contos.

O caso deu que falar. E deu reuniões. E deu barafunda. O Benfica, até pouco antes, orgulhava-se de ter conseguido o seu estádio e os «ases» da sua equipa de futebol sem dever nada a ninguém. E afinal havia aquele tremendo passivo.

Para debelar a crise, parecia só haver um homem: o eng. Maurício Vieira de Brito, que fora presidente da direcção durante anos, os anos exactamente, do grande «salto em frente» do Benfica, com a construção do Estádio e as duas Taças dos Campeões Europeus conquistadas pelo clube.

Dai a organização de comissões de sócios que pediram ao eng. Vieira de Brito que retomasse o cargo que abandonara, há anos, alegando imperativos da sua vida particular e até deficiências de saúde.

Simultaneamente, a Assembleia dos Representantes — órgão recentemente formado e encarregado de designar os elementos para a eleição dos corpos gerentes — anunciava que escolhera para a presidência da direcção o comendador Adolfo Maurício de Brito, irmão do sempre lembrado presidente.

E estabeleciam-se assim as duas correntes em atrito: os sócios, por numerosos grupos, apoiando o eng. Vieira de Brito, os Representantes, por seu lado, indigitando o comendador Vieira de Brito. E qualquer dos dois irmãos a afirmar que não se atravessará no caminho do outro.

Tentou-se, há tempos, uma reunião de todos os interessados — incluindo os simples sócios. Mas dessa reunião, afinal, nada resultou. E continua em exercício a direcção que em Dezembro deveria ter terminado o seu mandato, tendo como presidente da direcção o dr. Fezas Vital. E nem sequer se avista a solução da crise do Benfica.

Por outro lado, no Sporting há uma crise profunda, senta motivada pelas exhibições deficientes da equipa de futebol nos últimos encontros. Também neste caso a crise vem de longe: praticamente desde a entrada do técnico brasileiro Gentil Cardoso para o comando das equipas de futebol.

Verificou-se, desde a sua entrada em funções, que as equipas do Sporting estão com um formidável valor atlético, mantendo em andamento rápido os noventa minutos de todos os encontros, mas que o seu sistema de jogo, até há pouco baseado numa simplicidade espartana de movimentos, sempre de tiaz para diante e tendo por alvo a baliza contrária, se modificou para um esquema mastigado e remastigado, em que os passes laterais, o atrazar da bola e as jogadas em circunsferência têm largo quinhão. Se há dois meses, quando o campeonato estava no início e se podia emendar mão depois de um desaire, cada

malogro provocava aceso debate, agora, com o campeonato a mais de meio, esses mesmos malogros levantam celeuma; e Gentil Cardoso, o técnico brasileiro, está praticamente com um pé fora e outro dentro. Prevvia-se, por exemplo, que iria à Inglaterra, a fim de ver em acção o Manchester United, próximo adversário do Sporting na Taça dos Vencedores das Taças, mas a viagem ficou dependente de uma reunião dos directores do clube e nada de bom se prevê para o odiado professor brasileiro de futebol.

Finalmente, a crise dos Belenenses. A equipa de futebol abriu o ano sob a direcção do melhor técnico português, Fernando Vaz, com uma série de resultados promissores. Era, no entanto, uma equipa de gente nova, «alinhavada» pelo técnico com os elementos de que dispunha — faltando-lhe, nomeadamente, «estrelas» de primeira grandeza, pois «Matateu» deixara de dar o rendimento indispensável e o outro grande jogador, Vaúca, fora trespassado para o Benfica.

Depois, devido às lesões e a encontros com equipas mais fortes, a turma dos azuis desceu na classificação. Ocupa agora o quarto lugar, a seguir ao Benfica, ao Porto e ao Sporting.

Com a assembleia geral ordinária a realizar-se dentro em breve, parece que a crise do Belenenses se resolverá constitucionalmente, pela eleição dos corpos gerentes que a massa associativa decidir mais indicados para dirigir o clube. Uma coisa, entretanto, é certa: de todos os grandes clubes portugueses, o de Belém é o único que apresenta para o exercício findo contas com superavit: um saldo mais de 700 contos,

Dos «4 Grandes» do Futebol Português Só o Benfica ganhou — e por larga margem

A jornada mais espectacular do campeonato de Futebol da primeira divisão desenrolou-se ontem e provocou estupefação nos adeptos da bola: «três grandes» o Porto, o Belenenses e o Sporting, empataram em jogos que se julgava fossem ganhar facilmente — e o Benfica infligiu uma goleada de 8-0 a uma equipa que, na primeira volta, tivera dificuldade em derrotar.

Ficou agora ordenada da seguinte maneira a classificação geral:

BENFICA	32
Porto	27
SPORTING	25
Belenenses	24
Guimarães	24
Setúbal	20
Cuf	20
Académica	19
VARZIM	15
Leixões	15
Lusitano	11
Seixal	8
Barreirense	7
OLHANENSE	5

Algo sobre o Desporto Local

Depois de se conservar inactivo algum tempo, no que respeita a Campeonatos Oficiais, o grupo local entrou este ano no Campeonato Distrital da II Divisão.

Tudo foi possível graças ao trabalho persistente e metódico dos seus dirigentes. Para o efeito recrutaram alguns jogadores, entre os quais até atletas de nome feito, parecendo que se juntara numa das melhores equipas dos últimos anos.

Começado o Torneio verificou-se, feitos que são quatro jogos, que o Grupo perdeu sempre, excepto numa das vezes um que empatou.

É assim, revestido de imponderáveis, o futebol. Ninguém, porém, após os três primeiros jogos, ficou convencido que a equipa não tivesse valor para sair dessa situação de inferioridade.

Aguardava-se, com humana e natural convicção que o passado domingo fosse o início de uma escalada ascendente. Começado o jogo não demorou que o grupo se colocasse em vencedor por 2-0, sossegando os espíritos e confirmando os vaticínios. Mas também não demorou que uma série de imponderáveis, entre os quais decisões infelizes, violências e desacatos, levassem o marcador a 2-3, resultado com que tudo terminou, por entre acontecimentos que bom será esquecer.

Como se vê, o momento é de desalento, senão de desorientação. Quando é assim esquece-se o tratado dos mais dedicados e o espírito de luta dos mais animosos,

cada um sentença a seu modo e conforme o seu paladar.

Nós vimos, possuídos de experiência, lembrar que o futebol é mesmo assim, e se não fossem os seus imponderáveis não sabemos mesmo se teria ido tão longe. E vimos dizer ainda, já no campo dos vaticínios, que contamos que o Grupo local ascenda ainda a um lugar honroso.

Estamos convencidos que ainda na primeira volta abandonará o lugar que ocupa na classificação e que na segunda será um dos grupos mais em evidência.

Assim pensamos porque tem elementos capazes e o nível da equipa subirá logo que ela se capacite das suas possibilidades.

Acreditamos ainda que a sua direcção saberá continuar com a dedicação sempre demonstrada e, especialmente conduzirá o Grupo sem desmoralizantes desnecessários, até porque tudo isto é futebol.

A terra precisa do Grupo a disputar este Campeonato e outros seguidos, de maneira a possibilitar a revelação de tantos novos de bom futuro.

Por isso é preciso continuar... e o Grupo tem dirigentes de dedicação especial e jogadores que hão-de encontrar o caminho do triunfo.

Que a sorte o permita, são os nossos votos.

Leia, Assine,
Propague o
«Tribuna Livre»